

O DIVÃ DE FREUD NO TEMPO ATUAL: RESSIGNIFICANDO O OBJETO-VEÍCULO DE ANÁLISE NA CLÍNICA PSICANALÍTICA¹

Aline Vilhena Lisboa*

RESUMO:

Grande marco na clínica psicológica ocorreu com a revisão da posição ocupada pelos médicos Freud e Breuer nos atendimentos clínicos. Foi Freud quem introduziu em suas consultas o divã, que se transformou num mobiliário que figuraria o maior símbolo da psicanálise de todos os tempos. O divã passa a ser instituído como objeto representante de análise, ao mesmo tempo em que se consolida como um dos instrumentos de manejo técnico na composição do *setting* psicanalítico. No entanto, é preciso questionar a função do divã na clínica da atualidade e o sujeito que se dispõe a deitar-se nele. Afinal, o divã pode nos trazer outros fundamentos, além daqueles apresentados por Freud e outros psicanalistas, como Winnicott. Acreditamos que o divã se constitui num lugar psíquico mais do que físico na condição de análise. Nessa direção, portanto, trazemos uma reflexão sobre a contribuição técnica do divã, assim como apresentamos alguns questionamentos que colocam em evidência o manejo técnico na clínica da atualidade, revendo, assim, a condição de análise e a produção psíquica dentro e fora do divã.

Palavras-chave: Divã. Manejo Técnico. *Setting* Psicanalítico. Clínica da Atualidade.

1. INTRODUÇÃO

Passado mais de um século de conhecimento teórico e técnico da psicanálise, ainda necessitamos de uma discussão sobre algumas questões referentes ao manejo técnico na clínica. Os fundamentos técnicos psicanalíticos foram incorporados no cotidiano da clínica de todos os analistas, consolidando uma trajetória de pesquisa teórica, construída pelo seu criador: Sigmund Freud.

¹ Artigo recebido em 15/03/2017 e aprovado, após revisão, em 20/04/2017

* Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio, Pós-doutora em Clínica e Subjetividade pela UFF, professora do curso de Psicologia da UNESA - Macaé, coordenadora do Centro de Estudos e Pesquisa em Atenção à Saúde de Grupos – CEPASG/UNESA. @: lisboaav@hotmail.com

Embora transcorrido um bom tempo desde os primeiros ensaios da prática freudiana, a psicanálise ainda está presente em diversos contextos clínicos, servindo principalmente de aporte teórico para uma escuta privilegiada do inconsciente do sujeito e de um grupo. Os princípios teóricos e a base técnica têm sido lidos, relidos, interpretados e reinterpretados ao longo desse tempo, haja vista a gama de publicações consolidadas em seu nome, oferecendo uma interpretação diferenciada do sujeito e compreendendo o seu conteúdo inconsciente diante de um sintoma ou uma demanda.

Aprendemos a investigar os pensamentos e os sentimentos do sujeito em seu universo psíquico, associando, interpretando e elaborando a herança deixada por Freud, ao mesmo tempo em que desbravamos novas compreensões lançadas pelos pós-freudianos. Cada vez mais, no espaço da clínica, podemos capturar a misteriosa lógica do inconsciente e a transposição de seus conteúdos para o consciente, favorecendo o trabalho psíquico do sujeito, a fim de que os conteúdos submersos, muitas vezes de sofrimento, sejam revelados. É por essa via que nos autorizamos a uma reavaliação da herança deixada pela própria psicanálise, permitindo-nos observar o contexto ao qual está inserida, considerando a sua relação com o tempo atual.

Nessa direção, o presente estudo teórico propõe algumas reflexões acerca do uso do divã, questionando e ressignificando o seu lugar técnico na clínica contemporânea. Para sustentar essa proposta, é revisitado o significado de sua utilidade nos ensaios iniciais descritos por Freud (2000), acrescentando algumas discussões atuais sobre as novas representações dadas em torno do mobiliário mais famoso de todos os tempos.

Lançamos alguns caminhos norteadores, trilhados ao longo deste artigo. O primeiro está no retorno a Freud, buscando recordar e elucidar os primeiros comentários dele acerca da finalidade do móvel. A segunda se refere à utilização do objeto divã no trabalho clínico, esclarecendo se sua função compreende verdadeiramente uma técnica ou manejo técnico. A terceira problematiza as condições para a análise, questionando se condição está associada somente à posição deitada do sujeito no divã. E, por último, indagam-se outros significados do divã, permitindo-nos observar se há uma nova posição de análise do sujeito contemporâneo.

Contextualizando os caminhos acima, a temática do artigo nasceu da inquietação de um analisando, que lançou a seguinte pergunta ao final de uma sessão: “- Eu estou no divã?” Antemão, diga-se que o analisando entrara em análise sem nunca ter-se deitado no divã.

Resumindo a história clínica do analisando, P. mostrou uma produção analítica com associações, recordações, elaborações por vários anos. Apresentava resistências diante da transferência e, mais adiante, fazia uso farto da interpretação do material fantasístico. Não havia uma queixa isolada, mas um sintoma construído com base numa engrenagem obsessiva, regada a delírios histéricos. O analisando sofria em seu mundo psíquico, inundado por um “outro”, mantendo-se afastado e desorganizado em relação ao eu e escravizado pelas emoções que se faziam representar nas lembranças significativas.

Este analisando, em especial, havia recebido alguns convites para deitar-se no divã. Mesmo assim, optou por não deitar-se, mostrando que o divã era um lugar de análise quase inatingível, estabelecendo um abismo entre a possibilidade de análise e a análise propriamente dita. Contudo, quando o analisando lançou essa questão, não percebeu que estava há algum tempo em análise. Mantendo-se no divã, o analisando circulava em torno dele, quando não estava sentado. Raramente, colocou-se sentado de lado. Quando não estava sentado, circulava também pela sala, olhando para ele. Entendemos que a sua recusa recorrente demonstrava não apenas uma resistência ou medo, mas uma manobra ainda desconhecida por nós, que indicava algum significado novo a ser pensado diante desse movimento aparentemente agitado, pois, afinal, aquele sujeito encontrava-se em análise. Mesmo assim, qual o sentido dessa movimentação? A recusa de deitar-se ao divã poderia ser entendida somente como uma resistência? Poderíamos responder com a resistência pelo fato de o sujeito não conseguir abster-se do olhar do analista?

Os argumentos de Winnicott (1947) mostram que o significado do divã para os neuróticos pode representar um conforto, um retorno ao útero materno, ao amor da mãe, mas que, para os psicóticos, compreenderia um lugar que presentificaria o corpo dela ou do analista. O posicionamento de evitação ou de regressão do analisando revelaria parte dessas posições diante do ato de deitar-se no divã. No entanto, esses posicionamentos apresentariam, em sua completude, o sentido dessa movimentação de recusa ou regressão?

Não tendo sido citado pelos principais dicionários de psicanálise (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001), (ROUDINESCO; PLAN, 1998) e pouco citado em trabalhos como os de

Mannoni (1991) e Souza (2008), cabe-nos falar do divã em Freud (FREUD; BREUER, 2000) para tentar reconstruir posicionamentos iniciais em articulação com algumas confirmações obtidas pelo trabalho de Roudinesco (2016). Ao final, traçamos algumas ideias acerca dessa prática, avaliando a nossa posição como analista e o efeito do divã na produção da análise pelo sujeito na atualidade.

2.O DIVÃ DE FREUD

Foi refletindo sobre a sua relação com o paciente que Freud refez o espaço físico de seu consultório, introduzindo o divã, um sofá grande e espaçoso, para as pessoas se deitarem e, assim, iniciarem seus pensamentos e associações de maneira mais relaxada e livre. Aos poucos, o médico transitou da cadeira por detrás da mesa para a posição sentada atrás do divã, entendido como um modo de ouvir melhor o seu paciente, ao mesmo tempo em que descansava dos rostos de seus pacientes durante as longas horas de trabalho (FREUD, 2000c).

O divã substituiu a maca, como cama de exames, reinventando um espaço antes considerado de subserviência e quase obediência na relação paciente, médico e doença. A grande poltrona passou a dar um novo sentido ao discurso do paciente, quando pensamentos e sentimentos puderam ser escutados numa lógica conduzida pelo afeto e sem a convencional posição frontal, regulada pelos olhares de um e do outro. Não podemos precisar ao certo em qual época Freud inseriu esse mobiliário em seu consultório, mas podemos observar que, durante o trabalho com Breuer, ele passou a adotar uma cama pequena, a fim de que fosse oferecido um lugar mais confortável aos pacientes e fora da vista, ou melhor, resistência transferida ao analista (FREUD, 2000c).

Os casos clínicos estudados por Freud e Breuer despertaram não somente o lugar da linguagem na escuta do sofrimento como reinventaram o lugar físico dessa escuta. Supomos que muito dessa mudança pode ter sido influenciada pela posição dos pacientes acamados em residências, visitados na ocasião por Freud e Breuer (FREUD, 1997a, 1997b; JONES, 1989). Acreditamos que as visitas domiciliares a pacientes acamados serviriam de precursores ao uso do divã no consultório clínico freudiano.

Também podemos sustentar esse crédito, quando retornamos ao caso de Ana O, paciente que Breuer estudara com Freud (FREUD, 1997a). Apostamos na ideia de que Freud não se restringiu somente à escuta do sintoma apresentado por ela e sim na posição que a paciente apresentava diante da escuta de Freud. Ana O. vivia acamada. Deitada na cama, provavelmente a jovem discursava com mais liberdade e se sentia mais confortável, não somente pelo lugar de conforto e reconhecido como familiar, mas pela disposição maior à liberdade de discurso. O corpo aquietado pelas dores e mal-estar dava passagem a um discurso mais fluídico, ainda que todo o corpo estivesse sob o embate das pulsões de vida e de morte.

Acreditamos que a posição na cama, tal qual no divã, pode ser entendida como lugar de maior desprovemento das defesas do eu, dando passagem a um maior afluxo das afetações psíquicas. O caso clínico da Sra. Berta não só traz um marco diferencial na relação médico-paciente, como também apresenta uma mudança de posição da escuta analítica. Ana O. deve ter provocado Freud, promovendo, assim, um movimento novo a sua rotina de tratamento, ou melhor, à disposição dos corpos comumente adotada pela clínica médica.

Supomos que os casos clínicos posteriores de Freud (1997a, 1997b), Lucy R., Katharina, Elisabeth Von R. e Emmy Von N., movimentaram seu pensamento de maneira a estender o lugar físico do divã a outros espaços que não somente ao consultório. Isso porque, no caso de Katharine, por exemplo, uma jovem que supostamente era parenta da dona do hotel onde ele se encontrava hospedado em suas férias, fez Freud sair por detrás da mesa e do divã para atendê-la em meio às paisagens dos Alpes suíço. Questionada por ele mesmo, a neurose da senhorita não mudara ainda que tenha mudado o lugar onde ela se encontrava. A mudança de espaço físico não foi um determinante para a mudança da condição da análise da dinâmica neurótica e sim o trabalho psíquico que aconteceu independentemente do uso do divã.

Desse modo, podemos dizer que o divã compreende um ambiente instituído pelo psiquismo por excelência e podemos supor que o caso da jovem atendida em um hotel demonstra que a presença ou não do divã não impede de o indivíduo sujeitar-se à análise. Não será o ambiente físico externo determinante de análise e sim o ambiente psicológico.

Em qualquer lugar onde o sujeito se encontra, o ambiente do divã será uma representação da condição de análise, um veículo de demanda de análise e não a análise em si.

Falando do método psicanalítico de Freud (2000a), o psiquiatra Leopold Loewenfeld expõe os primórdios da função do divã, talvez numa época em que nem Freud percebia o real valor da posição do móvel no consultório médico. Quando revela o intuito de manter o sujeito relaxado, ao mesmo tempo em que descansava dos rostos de seus pacientes durante as longas horas de trabalho, não percebia a provocação lançada aos colegas.

O argumento de Freud sobre o uso inicial do divã pode ser um tanto quanto revogável, uma vez que as primeiras justificativas de sua função não possuíam um sentido verdadeiramente técnico, apenas um preâmbulo diante de sua timidez, cansaço e até conforto. Afinal, tudo era o começo. Apostamos que, se essa fora a posição inicial de Freud, posteriormente uma transformação foi imposta pelo contexto clínico, uma vez que o móvel passou a ser explorado como importante espaço psicofísico de análise das estruturas psíquicas.

Freud, como sujeito, leva-nos a questionar o quanto de inibição poderia habitar nessa distância física, numa tentativa quase desesperadora para que fosse evitada a exposição da emoção do analista diante da demanda do outro. Afinal, a emoção poderia colocar a transferência e a contratransferência num embate interminável de associações, interpretações e elaborações e se tornar até resistência. Contudo, a tentativa de distanciar o analista do analisando recebe um golpe, quando, diferentemente do protocolo de atendimento médico que aparenta maior praticidade e superficialidade na relação, o uso do divã encurta a distância afetiva e sujeita o analista tanto quanto o analisando às querelas dos fenômenos psíquicos. Se Freud teve a intenção de manter-se afastado do paciente, não percebeu que esse manejo o aproximou dele, ainda que mantivesse o campo óptico encoberto pela disposição dos móveis do consultório. Que o analisando afete o frágil limite existente entre a posição técnica e a posição pessoal do analista, sobreviver afetivamente a todo o processo de análise do analisando faz também com que o analista revise a sua própria condição de análise.

A partir da relação com Breuer, Freud (2000) explorou o método de escuta do inconsciente, modificando a disposição física entre médico e paciente. Ele colocava por conta própria os seus pacientes em uma cama bem curta, decorada com tapetes

presenteados por uma cliente (ROUDINESCO, 2016). Mais tarde, Freud revelou à Marie Bonaparte que, ao longo do tempo, passou a se sentar atrás do divã “[...] a fim de escutar melhor o fluxo das palavras do paciente.” (ROUDINESCO, 2016, p.88). Em confissão, ele mostra que, na verdade, o divã não possuía a função de preservação de sua pessoa, mas uma primeira posição técnica de escuta sem que o olhar pudesse causar algum tipo de interferência. A escuta passou a ser das palavras afetadas que adentravam nos ouvidos; sentido que o olhar não poderia capturar por completo. Mesmo assim, ainda que o olhar tenha sido um segundo e importante argumento para dificultar a análise do sujeito, cabe pensarmos num novo argumento para a condição de análise?

3. O DIVÃ NA ATUALIDADE

O divã é referido pela sociedade como símbolo da psicanálise, lugar de reflexões, espaço da associação livre de ideias e interpretações. Incorporado por muitas sociedades como um arquétipo do ato de análise, a função do divã deve ser colocada em questão, à medida que a psicanálise se insere em novos contextos históricos e se confronta com sujeitos que apresentam novos sintomas sob as velhas demandas psíquicas. Não há dúvida de que o conjunto psicanalítico da clínica precisa ser revisado em face das diferentes demandas atravessadas pelo policontexto de uma sociedade. Aliás, a psicanálise clama por uma revitalização técnica, quando questionada pelo tempo real de duração do processo e o embate com o tempo lógico, pela formação do analista e pelo grau e intensidade do trabalho psíquico de análise.

De fato, podemos dizer que o divã caiu no imaginário das pessoas e é compreendido por aquele que ensaia o trabalho de análise. Não é mais desconhecido como no tempo de Freud. No entanto, esse assunto se torna inflexível, uma vez que a própria psicanálise é vista como doutrina e não como ciência para muitos profissionais da área. Enfatizamos a necessária revitalização da técnica, pois, afinal, o *setting* psicanalítico (Bleger, 1988) não é algo a ser reavaliado facilmente. O enquadre psicanalítico tanto quanto a análise são posições diferentes quando nos referimos ao conjunto da relação entre teoria e técnica.

Com o passar do tempo, a psicanálise se tornou uma instituição com normas e atitudes que regem uma prática, a qual reduziu o divã a algumas funções, como dizemos inicialmente. Em alguns momentos, pensamos que, tanto quanto a psicanálise, o divã passa

a ser uma instituição reguladora do comportamento de análise. Entretanto, entendemos que o divã da psicanálise vai além de uma posição física e se torna um elemento metafísico, diferentemente de um lugar concreto e de mudança de posição do corpo. A mudança para a análise está no discurso do sujeito e não em sua posição deitada.

Todas as justificativas dadas para que o divã seja usado podem ser superadas, uma vez que consideremos os lugares físicos e metafísicos possíveis de análise. Acreditamos que a mudança de discurso do sujeito compreende indicativo de que houve transição do espaço concreto para o psíquico no trabalho analítico, e isso não acontece, necessariamente, na passagem da cadeira para o divã. É pelo campo psicológico que o divã dará passagem ao discurso analítico. Dessa forma, não será o espaço físico determinante de análise. O sujeito pode usar todos os cantos do consultório para movimentar-se enquanto pensa e analisa o seu discurso. O divã se torna um aparelho coadjuvante de análise, onde o sujeito usufrui enquanto elabora as suas confabulações.

A movimentação do sujeito dentro do *setting* deve ser levada em consideração ainda que ele não **se** deite no divã. A relação entre divã e processo de análise é posta à prova, quando o sujeito é convidado a deitar-se ou deita-se sozinho, espontaneamente. Isso porque o sujeito deitado a pedido do analista, necessariamente, não manterá um ritmo de análise até o término da sessão. Geralmente, depois de algumas sessões preliminares, há um ritual protocolar de imposição de análise pelo analista, o que não justifica verdadeiramente a entrada na análise.

É comum observamos nas supervisões um cumprimento técnico, delimitando o manejo do profissional da psicanálise pelo uso do divã. Mas, na verdade, queremos dizer que o processo de análise está mais comprometido com o trabalho psíquico e muito mais à mercê do embate entre o desejo do sujeito e do analista e da capacidade de o analista suportar o manejo da transferência, que qualquer outro fundamento. Desse modo, não será a disposição física do divã e nem a posição deitada do sujeito que farão a diferença.

Retornando à pergunta lançada pelo analisando P. ao final da consulta e apresentada na introdução, pensamos que o sujeito deitado no divã não necessariamente está em análise. A análise depende da soma de todos os fenômenos psíquicos que estão em jogo no *setting* e que são manejados pelo analista no processo da transferência e contratransferência. Além disso, a tríade técnica recordação, associação e interpretação é

fundamentalmente essencial a uma construção em análise. Se a psicanálise está na ordem do fenômeno, então, teremos um processo a ser construído, tal qual reforça Bleger (1988), ao dizer que o enquadramento da psicanálise está na técnica, no ambiente e no papel do analista. A conjugação entre os três eleva a necessidade de questionarmos sempre o ato psicanalítico, mais do que os seus rituais. E isso também não se torna uma tarefa fácil.

O sujeito no divã sem deitar-se pode nos fornecer elementos conscientes e inconscientes muito mais do que aqueles esperados, quando ele se encontra deitado. Não é com todos os sujeitos que observamos a subversão desse manejo técnico. Enquanto que o divã para uns é espaço de produção, para outros, percebemos o quanto a regressão afeta seu movimento, ao se deitarem e dormirem até o término da consulta, paralisando suas ideias associativas. Por outro lado, apostamos que esse momento é um retorno a um estado mais primitivo da psique, sendo necessário para que seja restabelecido o trabalho psíquico de sua constituição.

Alguns sujeitos deitam-se e permanecem narrando suas rotinas, num discurso descritivo dos comportamentos, sem contrapartida associativa. Outros relaxam durante o movimento de vai e vem de seu discurso. Para alguns sujeitos, muitas vezes, observamos que o divã serve de lugar de movimento do corpo, deitando, sentando, cruzando as pernas, fazendo dele um ponto de apoio para o próprio corpo que se encontra em discurso. De maneira inusitada, o analisando P. manteve uma relação de reverência e referência com o divã, enquanto discursava e vagava pela sala. Ao mesmo tempo em que o móvel o intimidava, colocava-o numa contrapartida de exploração de um outro lugar analítico. Nesse momento, acreditamos que a figura do analista passa a ter uma função de continente, tanto quanto o divã, na sustentação da análise, um ambiente suficientemente bom, como diz Winnicott (2001), a fim de que o sujeito possa constituir-se como sujeito de um discurso.

Hoje, a análise é questionada tanto quanto o divã pelo sujeito que se dispõe a um tratamento psicanalítico e, mais ainda, quando é convidado a deitar-se nele. Como um espaço privilegiado, o *setting* analítico (BLEGER, 1988), como dissemos, exige um trabalho psíquico e uma movimentação pulsional mais intensos. O sujeito mergulha na profundidade de suas reflexões. Resta-nos conhecer se o sujeito do mundo contemporâneo está disposto a isso. Por fim, para alguns sujeitos, deitar-se no divã pode significar posição de morte, o que nos faz rever a condição desse manejo técnico, a fim de que não sejam paralisadas a pulsão

e a transferência, pois, afinal, elas são dinâmicas e favorecem o movimento tanto psíquico quanto corporal durante o trabalho de análise. Bem como sabemos, o sujeito não produz na posição de morte.

Além de posicionar o sujeito na condição de morte, o divã pode servir de regulador do movimento de vai e vem da angústia. Deitado ou em pé em vários momentos durante as sessões, faz com que o sujeito movimente o corpo tanto quanto a angústia durante o seu trabalho psíquico de elaboração. A permanência numa mesma posição no divã durante toda a sessão poderia comprometer a condição de análise, pois a angústia paralisaria a contrapartida psíquica de elaboração. De algum modo, o movimento de sentar-se e deitar-se no divã dissipa a angústia. Podemos pensar que esse movimento de vai e vem pode representar uma função libertadora. Isso revela que o divã canaliza as tensões do corpo, como se estivesse preparado para receber a agitação do cliente durante o seu discurso.

Podemos supor também que o fato de o analisando não se deitar no divã coloca em evidência o olhar do analista, que, dentre outros fundamentos, serve de continente, um ambiente necessário para que se possa garantir a tecelagem da malha psíquica. Por outro lado, ainda que o sujeito se deite, ele tem conhecimento do olhar do analista sobre ele. Não será o divã que determinará a posição física do olhar e sim a internalização deste que, de algum modo, ganha representação de continente, de provedor, acolhedor, ameaçador ou de censura. Acreditamos que essas representações andam em conjunto no movimento analítico. O olhar do analista compreende simultaneamente um balizador e contorno no embate entre sujeito e divã, e é por essa via que o analisando sustenta o discurso.

Winnicott (2001) nos traz o conceito de *holding* para justificar a necessidade de sustentação ou seguridade que o *setting* deve favorecer ao sujeito em análise. O ajuste da realidade do *setting* analítico cabe ao analista e não ao analisando, quando tratamos de manejo técnico do divã. Bem como disse Winnicott, a memorização ou repetição da técnica pelo analista fracassa uma construção em análise e “[...] constitui a essência da técnica do paciente ‘entediante’” (WINNICOTT, 2001, p. 7). Após o convite do analista, o sujeito pode deitar-se de maneira indevida, pois, antes de tudo, a representação do divã pode se fixar na morte, na regressão ou na angústia, e o discurso pode cessar, sem que haja uma contrapartida de elaborações e interpretações.

4. O PROCESSO DE ANÁLISE EM QUESTÃO

Todas as questões são apresentadas para que possamos refletir acerca do valor de análise com ou sem o uso do divã. No caso do analisando P., seu trabalho de análise durou quatro anos sem que, ao menos, deitasse uma única vez. Embora tenha mudado de discurso, de posição diante do analista e de suas questões, ele se recusava a deitar-se por acreditar também que a posição era impactante e de morte. Mesmo assim, não deixou de construir a sua análise, revelando brilhantemente os seus elementos mais escondidos. Na ocasião de seu percurso, a trajetória permitiu que o “outro” fosse deixado de ser falado e o “eu” passasse a ser conjugado.

Alguns podem levantar dúvidas sobre a veracidade do processo de análise e colocar em questão se houve a mudança real da posição do discurso, uma vez que não foi feito o uso do divã. Outros, porém, podem especular que o analisando paralisou-se, uma vez que o olhar do analista tenha inibido o processo. Afirmamos que o mesmo sentou-se nele não olhando para o analista, uma vez que entendemos que procurava em cada canto da sala a visão de seu mundo psíquico. Se observarmos de perto, talvez, a grande questão da análise não esteja na aposta que fazemos diante de sua profundidade, mas pelo enquadre possível pelo sujeito durante o período dedicado a ela.

Usar ou não o divã, na verdade, não desconsidera o manejo do analista e tampouco a condição de análise do sujeito. Está em jogo a maneira com que ambos manejam esse lugar simbólico do trabalho psíquico, promovendo uma construção de sentidos e não sentidos. Apostamos na ideia de que o divã ganha função de pré-consciente, como interlocutor de construção em análise, balizando o interjogo existente entre a figura do analista e aquilo que se transfere a ele. Como espaço de análise, o divã não restringe o analisando a uma posição de morte e angústia, e sim estreita as duas psiques, do analista e do analisando, formando um duelo, um enfrentamento, um confronto e um estranhamento no processo. O analista não fica de fora e nunca ficará, se muitos entendem que o divã será para poupá-los dos rostos dos pacientes. A análise é compartilhada e o analista se insere como outro sujeito, além daquele que habita o psiquismo do sujeito. Senão, todo o trabalho do analisando seria apenas uma autoanálise.

No *setting* analítico (BLEGER, 1988), o divã e a poltrona do analista separam fisicamente o ambiente de análise, demarcando também a separação dos corpos, mas os

colocam em uma mesma posição psíquica. Por excelência, o divã ganha representação de um lugar intermediário das psiques presentes, dando sustentação a uma das funções mais importantes da análise quando é despertado o potencial elaborativo, a criação de sentidos, sustentado pelo analista em seu lugar de manobrista.

Não nos cabe mais deixar o cliente numa posição instituída e doutrinária de uma psicanálise primitiva, porque corremos o risco de engessar o processo analítico, deixando-o afundar em suas angústias e, assim, patinar por anos a fio em associações somente livres, sem nenhum envolvimento construtivo. A função da análise é reparadora, nomeadora, interpretativa, contentora e elaborativa de conteúdos inconsciente que fizeram passagem para o consciente, e não uma posição a ser tomada mediante um espaço físico. O analista é mero coadjuvante nesse processo de construção e não o inquisidor da análise do sujeito. A marcação determinante do divã estereotipa a prática clínica da psicanálise e denuncia a necessidade de revisão da formação técnica e pessoal do profissional. Afinal, é do analista a responsabilidade de escutar as passagens de discurso e a manejar a transferência em curso, utilizando as ferramentas/palavras apropriadas em cada movimentação. Daí, afirmarmos se o sujeito se deitará ou não no divã compreenderá apenas um mero detalhe na construção analítica.

Colocamos em evidência o manejo técnico do divã como instrumento transicional e de passagem do discurso do sujeito, cuja narrativa deixa de ser descritiva e se internaliza para um espaço psíquico. O analisando pode fazer do divã um movimento de vai e vem pulsional, utilizando-o como escoamento de suas tensões. Isso nos leva a pensar nas inúmeras expressões que o corpo pode suscitar ao movimentar-se no próprio divã. Devemos reconsiderar a ignorância dada ao corpo na clínica, muitas vezes, reduzindo-o a uma posição de quase morte.

Pensamos que a resistência deixou de ser o primeiro e um dos maiores motivos de o divã ser renegado em sua finalidade. Além de tratá-lo como um espaço dinâmico de construção, torna-se também um regulador do investimento libidinal dado ao corpo e à mente de maneira simultânea. Na verdade, queremos dizer que deitar-se no divã leva o sujeito a não perceber momentaneamente o corpo, privilegiando o trabalho psíquico.

A ressignificação do divã ganha mais um argumento quando há um novo sentido dado ao lugar do corpo. Talvez, o sujeito contemporâneo, muitas vezes, compreendido como

sujeito da urgência e do imediato, sinta estranheza ao perceber o corpo parado enquanto se pensa. Talvez o corpo precise se movimentar para acompanhar o trabalho psíquico, demonstrado num ato quase dramático. Talvez, não se queira acatar o silêncio imposto a ele.

5 .CONCLUSÃO

A clínica psicanalítica deve ser repensada em seus manejos técnicos, assim como nos impulsiona a uma reinterpretação do sujeito, de seu funcionamento psíquico e de sua posição diante do objeto. Freud não teve tempo suficiente em vida para observar os desdobramentos e a repercussão do divã na análise das pessoas ao longo do tempo. Se tivesse vivido até hoje, apostaríamos na reinvenção da função do mobiliário, uma vez que própria análise ocorre, geralmente, *a posteriori* de um fato concreto. Após a reinvenção sobre a escuta médica (FREUD; BREUER, 2000), sua teoria ganhou gradativamente novas compreensões ao longo das décadas iniciais do século XX e novos estudos no tempo atual. Essencialmente, só poderíamos avaliar **esse** fato depois. Seria pedir a Freud um esforço extremo e injusto, já que nos deixou décadas de contribuições fantásticas. Agora, cabe a nós o trabalho da reinvenção das técnicas psicanalíticas.

Diferentemente de compreendê-la como doutrina, antes de tudo, a psicanálise é uma posição científica frente ao trabalho psíquico do sujeito, ao sofrimento humano em particular, muito mais que uma simples escolha teórica para a prática clínica. Ela nos ensina a pensar o seu próprio arcabouço, mantendo um diálogo permanente com as demandas da atualidade. Sendo assim, ainda que o divã compreenda um manejo técnico de análise e tenha se transformado no marco simbólico de análise, ele se transforma num lugar imaginário de análise propriamente dito.

O analisando, citado na introdução, nos faz pensar na nova função do divã, que se consagra como um espaço de reflexão e lugar também de reinvenção da própria prática analítica. Muitas vezes, a recusa de deitar-se no divã não quer dizer resistência à análise. A questão do analisando nos levou a questionar a sua posição diante do objeto condutor de análise que, por sua vez, nos levou a descobrir outra posição no processo de análise. A análise pode desvincular-se da condição de deitar-se no divã. De certo modo, acreditamos que a condição de análise não se limitaria ao comportamento observado de negação ou de regressão das estruturas psíquicas, mas da incorporação de um lugar psíquico de análise.

Cabe-nos avançar nestas discussões. Voltado para a escuta de seus pacientes, Freud redefine a clínica apresentando outra maneira de sentir e ouvir o sujeito através do discurso. Ainda que não tenha se aprofundado nas funções do divã e muito menos imposto a condição dele para análise, revela em seu artigo de 1905 Sobre as psicoterapias (2000b) que o indicador de análise está na capacidade de o sujeito reconhecer as suas defesas diante de um material recalçado, que muitas vezes não será acessível. A análise parte do princípio do desejo e não apenas do sujeito no divã. Contudo, isso não quer dizer que podemos dispensá-lo.

Do ponto de vista psíquico, a posição do divã é variada, tanto quanto no tratamento dado a ele. O analisando pode circular pelo divã, assim como pelos seus pensamentos e discursos. No *setting* analítico, o trabalho psíquico está muito mais subserviente ao manejo dado pelo analista, que ao conteúdo trazido pelo analisando. Ao final, o divã deve ser considerado muito mais como um manejo técnico, que um instrumento da técnica psicanalítica. Sentar-se atrás ou ao lado do divã, de maneira a deixar o analisando desimpedido do campo visual do analista, compreende outro ponto crucial de nossos questionamentos ao avanço da análise. Afinal, qual analista sustenta a posição do divã de maneira continuada e quem é o sujeito que realmente consegue “deitar-se” no divã?

As oscilações em torno do uso ou não do divã colocam em evidência não somente os possíveis significados construídos no processo de análise como também dá um novo sentido para o encontro dos olhares do analista e analisando. O divã demarca a fronteira do olhar do analista para o inconsciente do sujeito, o olhar que também escuta. O analista será testemunho ocular da palavra pronunciada pelo analisando. Aos poucos, os objetos físicos do *setting* saem do foco da atenção e dão passagem ao imaginário. Nesse instante, a voz é registrada e transmitida com a palavra pulsionada pelos sentidos dados pelo analisando.

De maneira relaxado, espera-se que o sujeito dê passagem aos pensamentos mais remotos ao discurso presente, mas não podemos esquecer que, como pano de fundo, está a voz do analista e toda sua psique. Nesse caso, a voz do analista e não o olhar constitui um retorno à relação primeira do sujeito com o materno, com o mundo. O som da voz do outro desperta os pensamentos e é por ele que o sujeito também caminha para a sua análise.

Tão difícil quanto falar é se fazer escutar pelo outro, quando este outro não está a olhar por ti, verdadeiramente. Não é com o olhar afastado do analisando que garantimos a

escuta do material inconsciente. Muitos elementos estão em jogo nesse processo. O convite para que o sujeito se deite no divã pode compreender uma tarefa fácil para o analista, mas nem sempre será para o analisando. O olhar do analista, não importando a posição, deve ser imaginado pelo sujeito e permanecido como suporte, tal qual a função de continente, assegurando os momentos de angústia e aflição. Depois de imaginá-lo, o sujeito naturalmente deita-se sem se preocupar com o analista. Afinal, ouvimos primeiramente a voz de sujeitos, antes de enxergá-los. É por essa via que acreditamos que a análise se concretize.

O divã facilita a reflexão, associação, interpretação, associação, construções, mas não é determinante para que essas atividades aconteçam de fato. O divã pode estar em qualquer lugar do psiquismo do sujeito, desde que seja encontrado por ele na condução do analista. Mesmo assim, não é uma condição exata.

Precisamos olhar com certa crítica a função do divã na clínica, observando novas finalidades através da história do sujeito e da cultura de cada sociedade. Se o marco de sua finalidade aconteceu para que se pudesse escutar melhor o psiquismo do sujeito, então, que valorizemos novas construções a respeito de seu significado.

THE DIVAN OF FREUD IN THE CURRENT TIME: GIVING NEW MEANING TO THE OBJECT OF ANALYSIS IN THE PSYCHOANALYTIC CLINIC.

ABSTRACT:

Great boundary in the psychological clinic was happened to review the position occupied by the doctors Freud and Breuer in their clinical work. Freud was the person who introduced in his clinic the divan, which has become a furniture that would figure the greatest symbol of psychoanalysis ever. The divan becomes established as an object of analysis at the same time established itself as one of the analyst's management tools in the psychoanalytic setting composition. However, we need to revisit the divan function in the clinic today and the guy who is willing to lie in it. After all, the divan can bring us other grounds in addition to those presented by Freud and other psychoanalysts, as Winnicott. We believe that the divan constitutes a psychic place more than physical in the analysis condition. In this direction, we bring a reflection on the technical input of that furniture, as well as offer some questions that

put in evidence the technical management in contemporary clinic, reviewing, so the condition analysis and psychic production on or off its.

Keywords: Divan. Technical Management. Psychoanalytical Setting. Present's Clinic.

REFERÊNCIAS

- BLEGER, J. Psicanálise do enquadramento Psicanalítico. In: _____. **Simbiose e ambiguidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p.311-328.
- FREUD, S. **Casos Clínicos I**. Rio de Janeiro: Imago, 1997a.
- _____. **Casos Clínicos II**. Rio de Janeiro: Imago, 1997b.
- _____. O método psicanalítico de Freud. In: _____. **Edição Eletrônica das Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. VII, 2000a.
- _____. Sobre as Psicoterapias. In: _____. **Edição Eletrônica das Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. VII, 2000b.
- _____. Sobre o início do tratamento. In: _____. **Edição Eletrônica das Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. XII, 2000c.
- FREUD, S; BREUER, J. Estudos sobre a Histeria. In: FREUD, S. **Edição eletrônica das Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. II, 2000.
- JONES, E. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1989. Vol I.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. **Vocabulário de Psicanálise**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MANNONI, M. O divã de Procusto. In: MCDOUGALL, J. (org). **O divã de Procusto**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- ROUDINESCO, E. **Sigmund Freud na sua época e em seu tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SOUZA, M. R. A psicanálise diante do outro (ou o "inquietante" divã de Procusto). **Psyche** (São Paulo) v.12 n.23, São Paulo dez. 2008.

WINNICOTT, D.W. **Holding e interpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Hate in the countertransference. **Collected papers**, 1947. Disponível em <
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3330380/>> Acesso em 17/04/2017.